

30189

SOBRE MORRER COM CÂNCER: AS LIÇÕES DE HOLLYWOOD

Fernanda Niemeyer. **Orientador:** Maria Henriqueta Luce Kruse**Unidade/Serviço:** Unidade Álvaro Alvim

O diálogo em torno do processo de morrer tem tido pouco destaque na área da saúde, mesmo sendo esse um estágio inerente ao cotidiano da prática assistencial. Se compreendermos a morte não apenas como um processo biológico, mas como um processo histórico e cultural, perceberemos que a maneira como encaramos esse momento está relacionada com as formas como determinadas discursividades surgem e nos subjetivam. Ela é produzida por nossas experiências de vida e, portanto, em determinados momentos históricos e culturais. Encarando a morte como produção histórica e cultural, olhamos para o cinema como artefato que interpela a civilização contemporânea. Pensando nas visibilidades e nas dizibilidades sobre a morte decorrente do câncer que circulam na mídia e na função pedagógica que exercem sobre nós, pesquisamos 15 filmes hollywoodianos realizados entre 1970 e 2007, que tratam de pessoas que morrem de câncer, com o objetivo de conhecer o modo pelo qual a morte é apresentada no cinema. Com base nos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista, utilizando noções de discurso e subjetividade propostas pelo filósofo Michel Foucault, articulamos uma das possíveis leituras do *corpus* fílmico. Percebemos que o câncer aparece relacionado à malignidade, à fatalidade, à sentença de morte, sendo considerado muito mais do que enfermidade que, em geral, é fatal. Ele é identificado como a morte em si. A forma como o morto é “eternizado” na memória dos vivos remete à ideia de que o fim do corpo não é o fim do sentimento. Esse discurso da lembrança do corpo morto aponta para uma pedagogia onde os que morrem devem ser “imortalizados” através da memória dos vivos. Isso acontece, talvez, porque a morte do outro nos remete à nossa morte, ou seja, a visão dos personagens moribundos abala as ideias defensivas que construímos contra a ideia de nossa morte. O momento da morte do personagem com câncer, quando mostrado, é caracterizado de modo sereno, apesar da morte decorrente dessa doença ser considerada deplorável. Assim, tais filmes tendem a silenciar o morrer com câncer. Ainda que o processo de morrer venha sendo alvo de múltiplos estudos no sentido de melhor compreendê-lo, essa etapa da vida é vista como fracasso. Entretanto, parece que, aos poucos, o cinema hollywoodiano tenta produzir a “aceitação” da morte. Essas percepções acerca da morte no cinema pretendem provocar reflexões que podem contribuir para a assistência e para a docência em saúde. Gostaríamos que este estudo pudesse proporcionar outro modo de olhar para esses pacientes: não apenas como corpos que estão morrendo, mas também como corpos cujos sentidos são construídos discursivamente. A área da saúde, tradicionalmente permeada por discursos dogmáticos, com saberes enraizados, precisa estar atenta às mudanças discursivas ao seu redor. Não para simplesmente acatar tais discursos, mas para questioná-los e permitir que exista um espaço de reflexão sobre suas práticas. E, a partir disso, entender que aprendemos a ver a morte decorrente do câncer de diferentes formas, nas mais diversas instâncias educativas, sendo o cinema uma delas.